

NARRATIVAS DE INVESTIMENTO VOCACIONAL CONTRIBUTO PARA A REVISÃO DAS PRÁTICAS DE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Paula Lima
Joaquim Luis Coimbra
Universidade de Oporto

RESUMO

As transformações económicas, sociais, culturais e tecnológicas que caracterizam o final do séc. XX e início do século XXI, têm levado os indivíduos a gerar um conjunto de novas significações para fazer face a um contexto de permanente mudança, imprevisibilidade e incerteza. O panorama contemporâneo leva-nos a questionar sobre o modo como os jovens, num processo contínuo de construção de um projecto identitário que tem por objectivo a realização de si pelo encontro de um lugar no mundo, gerem a incerteza.

No domínio da Psicologia Vocacional, estas alterações têm conduzido a uma nova visão do indivíduo e à emergência de novos construtos psicológicos importantes do ponto de vista da caracterização do desenvolvimento vocacional. *Investimento na carreira, incerteza positiva, difusão adaptativa, flexibilidade identitária, instabilidade de objectivos e medo do investimento* são alguns dos construtos que se enquadram num pensamento pós-moderno. Para apreender a realidade destes construtos julgamos ser necessário a utilização de uma abordagem centrada nas trajectórias biográficas individuais e nas auto-narrativas, através das quais o indivíduo constrói significados para a experiência vocacional recriando a própria experiência. Assim, tentamos perceber de que modo o contexto de incerteza permite aos indivíduos a construção de novas estruturas e significados psicológicos da carreira e o desencadeamento de novos modos de acção/investimento (competências) no domínio vocacional. Em última análise, pretendemos contribuir para o desenvolvimento de novas práticas de orientação no contexto escolar no sentido de permitir a (re) construção da relação do sujeito com o mundo através dos seus percursos/projectos vocacionais. A partir da análise das narrativas de jovens, procuramos compreender os significados do investimento vocacional e dos agentes que neles participam; questionamo-nos sobre que valores e significados os jovens de hoje atribuem ao trabalho, o modo como criam/desenvolvem projectos, que factores estão na base das escolhas que realizam, como gerem a experiência de incerteza face ao futuro e qual o papel da escola na orientação/inserção do indivíduo no trabalho. Finalmente, conhecendo as necessidades vocacionais dos alunos e com intuito exploratório, procuramos contribuir para uma transformação e maior adequação das práticas de orientação em contexto escolar.

Começaremos por uma apresentação da abordagem construtivista da carreira e da perspectiva narrativa, salientando a sua importância, quer para a intervenção vocacional, quer para a investigação. Terminaremos com a descrição do nosso projecto de investigação neste domínio.

1. A ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA DA CARREIRA

“O MUNDO NÃO É O QUE EXISTE, MAS O QUE ACONTECE.”

(Mia Couto, cit. in Gonçalves, 2000)

As transformações económicas, sociais, e políticas da nossa época influenciam todos os aspectos da vida do indivíduo, muito particularmente o que se relaciona com o trabalho e as transições vocacionais. (Peavy, 1996). A experiência de incerteza e imprevisibilidade em relação ao futuro permeiam a vida dos indivíduos e a tomada de decisão, havendo necessidade de desenvolver novas visões e competências para fazer face aos contextos em permanente mudança. Neste sentido, não é possível continuar a ver o indivíduo como um ser passivo, mas antes como o protagonista (agente, construtor e narrador) da sua carreira.

A orientação vocacional, enquanto processo de apoio aos indivíduos, necessita também dela de ser revista, passando de uma lógica de avaliação racionalista e psicométrica para uma abordagem que considera a experiência e a construção de significado como pontos-chave da mudança psicológica. Só esta abordagem permitirá aos indivíduos desenvolver um conjunto de atitudes e novas competências que aumentarão a possibilidades de sucesso em relação ao futuro nas várias esferas de vida.

Segundo o mesmo autor, nos últimos anos temos assistido a uma nova visão do *self* como agente e construtor da sua experiência, exercendo esta função nos contextos de participação, relações e diálogo em que se insere. Esta noção do *self* tem vindo a substituir a noção “estádios”, lineares e estáticos, de desenvolvimento, como produto das influências do meio (Super, 1980).

O novo *self* consiste num projecto reflexivo que tem como propósito criar significado e sustentar narrativas biográficas coerentes num contexto de tomadas de decisão múltiplas numa diversidade de opções e constrangimentos. Cada vez mais, o indivíduo é “lançado a si” no planeamento da sua carreira, devendo envolver-se num processo pessoal, reflexivo e organizado. Como refere Bauman (1992, cit. in Kraus, 1998) “a sociedade impõe ao indivíduo a tarefa de se desenvolver por si mesmo, de tentar uma construção privada da identidade”. Este processo reflexivo, que envolve incerteza e risco em todas as fases e que recorre muitas vezes o contacto com especialistas de orientação, tem vindo a constituir o foco central da estruturação de uma identidade vocacional. Este modelo de “novo” *self* tem grandes implicações para a intervenção e avaliação vocacional.

A perspectiva construtivista da carreira tem por base um quadro conceptual que tem vindo a pôr em causa os fundamentos epistemológicos da psicologia tradicional. É essencialmente a Mark Savickas (1995) que se deve o reforço desta corrente no domínio da psicologia vocacional. Filiando a sua conceptualização das acções de carreira numa posição que considera o conhecimento como socialmente construído, a ideia que Savickas procura adaptar à Psicologia Vocacional aproxima-se da abordagem *construcionista* pós-moderna, que assenta numa corrente denominada por *perspectivismo*. Assim, para esta corrente “...o conhecimento é uma produção ou construção social e a verdade depende do ponto de vista socialmente elaborado de cada um. A ciência produz conhecimento a partir de um prisma ou ponto de vista e não a partir do ponto de vista único e exclusivo (Savickas, 1995d)”.

Para este autor, a orientação vocacional é tida como um contexto social que permite ao sujeito tornar inteligível a sua concepção do *self* e modificar as narrativas sobre o *self*.

Assim, de acordo com esta abordagem, a orientação afasta-se cada vez mais de um processo *especialista*, para se tornar num sistema cooperativo e participativo. Tal como o profissional de orientação, o sujeito é um especialista da sua própria experiência, enquanto aquele é um especialista da comunicação e da mudança. Trabalhando juntos, profissional e sujeito produzem ideias inovadoras, acções viáveis, constroem planos de carreira e resoluções para a experiência, sendo cada vez menos provável que os indivíduos construam planos baseados numa lógica racionalista.

Savickas (1995) concentra-se na orientação vocacional para os problemas vocacionais (e.g. a indecisão) e contrasta a abordagem objectiva da ciência com a da ciência construtivista. Assim, os problemas vocacionais, que desde Parsons (1909) eram tidos como fenómenos ou realidades passíveis de serem extraídas do seu contexto e objectivadas com procedimentos de medida válidos e fiáveis, são, nesta altura, considerados como experiências subjectivas passíveis de serem analisados através das histórias de vida dos sujeitos.

A nova visão da realidade nas ciências sociais (que inclui a psicologia vocacional) é, nem objectiva, nem subjectiva, mas antes participativa. “A realidade não é o que existe, mas o que acontece.” (Couto, cit. in Gonçalves, 2000). O real, as trajectórias individuais, a forma como utilizamos as nossas potencialidades, é o resultado da participação na vida social, no diálogo, na relação e na acção permanente com os outros. Produzimos, criamos e construímos a nossa realidade, quer pessoal, quer social.

As implicações de uma sociedade pós-moderna para os que entram no mundo do trabalho são muitas. A predição do sucesso no mercado de trabalho está necessariamente relacionada com a aquisição de competências simbólicas e de relacionamento interpessoais, nomeadamente de:

- a) Resolução de problemas, pensamento crítico, recolha e análise de informação;
- b) Capacidade criativa e produção de ideias inovadoras;
- c) Adaptação a novas situações e novos papéis de trabalho;
- d) Flexibilidade e competência interpessoal.

A orientação vocacional baseada numa perspectiva construtivista não é mais do que um conjunto de técnicas como um trabalho filosófico e reflexivo que guia o trabalho do sujeito e do profissional. Alguns dos mais importantes pressupostos deste tipo de orientação/intervenção são:

- Capacidade dos sujeitos para atribuírem significado à experiência;
- A vida dos indivíduos é vista como uma história ou trabalho de arte mais do que um perfil de traços ou conjunto de resultados;
- O *self* é constituído por um processo de auto-organização, é participativo e proactivo. Existem tantas realidades quanto os indivíduos – embora algumas realidades sejam mais viáveis e preferíveis do que outras. Cada pessoa vê o mundo através das suas lentes e dialoga com o mundo através da sua própria voz e significado;

- A orientação vocacional numa perspectiva construtivista tenta trabalhar directamente com as percepções individuais do sujeito e com os seus significados pessoais – muitas vezes sob a forma de histórias, metáforas, narrativas ou diálogos. Assume-se que o *material* de vida é mais relevante para a formação de planos e escolhas vocacionais do que os resultados em testes psicológicos;
- No contexto da orientação vocacional construtivista o sujeito deve sentir-se emocionalmente seguro e apoiado na expressão de sentimentos. A estrutura e a qualidade da mudança dependem em larga medida do nível e qualidade do auto-conhecimento;
- Sendo o *self* auto-reflexivo, a reflexão é um procedimento essencial na orientação vocacional. Actividades significativas, reflexão e auto-articulação são três processos que a intervenção deve promover e apoiar.
- De acordo com a perspectiva construtivista, a “carreira” constitui apenas um dos temas do projecto individual do sujeito. Este é considerado um ser “global” e não um decisor ou *carreirista*.

Por exemplo, Savickas (1989) destaca-se ao nível da formulação de um modelo de aconselhamento de carácter construtivista para o problema da indecisão vocacional, baseado na análise dos temas de vida, que envolve 5 etapas: 1.º) recolha de histórias do cliente que revelem o tema central de vida; 2.º) o tema de vida do cliente é narrado pelo psicólogo ao sujeito; 3.º) sujeito e psicólogo discutem o significado da indecisão, relacionando com o tema de vida identificado; 4.º) cliente e psicólogo expandem o tema para o futuro, nomeando interesses e ocupações que preenchem as preocupações e o projecto que define o tema de vida; 5.º) o cliente ensaia, com a ajuda do psicólogo, as competências de acção necessárias para especificar e implementar a escolha vocacional.

Também Pittman (2000) analisa a questões da carreira através de uma abordagem construtivista. Num artigo intitulado *Dilemmatic constructions of career in the career counseling interview*, procura identificar dilemas vocacionais emergentes nas histórias através de uma entrevista semi-estruturada numa amostra de 50 sujeitos.

Concluindo, o trabalho do profissional de orientação, numa perspectiva construtivista, deve ser dinâmico, activo, facilitador da reconstrução da experiência pelo sujeito.

2. TÉCNICAS DE AVALIAÇÃO CONSTRUTIVISTA

Tendo presente que, na perspectiva construtivista, dois grandes objectivos da avaliação são, por um lado, a construção de significado pelo sujeito e a auto-reflexão em relação ao problema (vocacional), as técnicas de avaliação utilizadas no processo de orientação devem contribuir para esses objectivos. Assim, apresentam-se algumas das técnicas mais utilizadas nessa abordagem.

O trabalho autobiográfico

O trabalho autobiográfico inclui actividades de escrita, tais como, escrever cartas, escrever um diário e a auto-caracterização. O procedimento de escrita permite ao sujeito dar um nome aos sentimentos, pensamentos, sonhos e medos, fazendo com que atribua significado à experiência. Dando nomes e um contexto aos

sentimentos e ideias, a experiência é passível de ser reorganizada e recriada, esbatendo-se o caos previamente instalado. O trabalho autobiográfico é, assim, uma forma de tornar o *self* visível e compreensível.

Auto caracterização

Nesta técnica, é pedido ao sujeito para descrever (na 3.^a pessoa) características de si próprio. Através da utilização da terceira pessoa, esta técnica minimiza a auto-culpabilização e os sentimentos defensivos por parte do sujeito; promove a oportunidade para a auto-apresentação em termos globais e viáveis e permite ainda ao sujeito expressar a sua identidade única de uma forma reconstrutiva, bem como os grandes temas que caracterizam a sua vida.

Entrevista como forma de avaliação

A utilização de uma abordagem construtivista na orientação vocacional não contempla o conceito de “diagnóstico”; antes considera a relação entre profissional e sujeito em termos de uma conversa planeada. O planeamento desta conversa em orientação é uma tarefa da responsabilidade do profissional em conjunto com o sujeito. Planear implica obter um relato dos eventos de vida e experiências significativas do sujeito e daí partir para a criação de alternativas plausíveis. Apresenta-se, de seguida, um conjunto de questões possíveis de planeamento de uma entrevista das sessões de orientação. Estes sete passos constituem as componentes do planeamento da entrevista como um meio de avaliar as necessidades do sujeito, os seus recursos, a utilidade do processo de orientação, bem como do contributo que o profissional poderá dar para o sucesso do sujeito.

- Qual o foco do problema do sujeito? Quando e onde ele experiêcia o problema?
- Quais os sentimentos e pensamentos do sujeito sobre o problema? O que é que o sujeito tentou fazer para solucionar o problema?
- Qual é a apreciação que o sujeito faz das próprias construções e experiência?
- Qual é o contexto no qual o sujeito tenta fazer face ao problema? Quem são os envolvidos? O problema implica questões de género, raça, classe social ou relacionamentos com outro grupo de pessoas? Está o sujeito preocupado apenas com a carreira? Carreira e identidade? Questões de atribuição de poder? Falta de informação ou défice de competências? Em conjunto com o sujeito e o problema, que outros factores contextuais deverão, profissional e sujeito, ter em conta?
- Quais são as alternativas abertas ao sujeito no sentido da sua movimentação para um futuro preferido? Em que estão de acordo o profissional e o sujeito relativamente ao plano e sistema de apoio que fará o sujeito avançar com sucesso?
- Qual é o próximo passo para o sujeito e para o profissional? É claro para os dois qual o papel do outro e a forma como vai ser desempenhado?
- O profissional e sujeito concordam que o que está a contribuir para o sucesso do sujeito é a participação deste na resolução do problema?

O Portfólio

O *portfólio* constitui uma técnica a desenvolver entre o profissional de orientação e o sujeito. É um documento que deve ser simples para que seja de fácil compreensão e deve reflectir os aspectos fortes do indivíduo, tais como as competências, planos e produtos. O *portfólio* pode conter um conjunto variado de materiais referentes à história do sujeito, mas normalmente inclui o perfil do cliente em termos intelectuais, linguísticos, interpessoais, entre outros. Indicações de mérito e reconhecimento de competências deverão ser igualmente incluídas. Finalmente deve constar também um resumo do percurso educativo e das experiências profissionais do sujeito.

3. A ABORDAGEM NARRATIVA NA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

Inserida no paradigma do *construcionismo social*, a perspectiva narrativa em Psicologia defende o pressuposto anti-representacionista e anti-essencialista da realidade, considerando que o mundo é constituído por uma natureza linguística. Ou seja, a linguagem não representa a realidade, mas é antes constitutiva do próprio mundo. Este pressuposto implica que o conhecimento tenha uma natureza eminentemente social e por isso os investigadores devem utilizar metodologias de análise narrativa em psicologia.

Na concepção de Savickas (1995), no domínio da consulta psicológica vocacional, todo o processo se desenrola pela construção e análise do que o autor designa por *narrativas de identidade*. Estas narrativas contribuem para a forma como o sujeito planeia a mudança de modo a fazer face ao problema. As narrativas de identidade dão um sentido à história de vida e explicam como o sujeito procura complementar-se através da diminuição do fosso entre o que está a experienciar e o que pretende atingir. Especificamente, as narrativas de identidade dizem ao psicólogo como os sujeitos digerem as suas experiências, lembram acontecimentos e reinventam formas (estratégias) de *coping* com a vida. Conectando o problema com a elaboração de um projecto, o psicólogo reconhece o tema de vida e a identidade do sujeito (actor). É então tempo para narrar a história ao sujeito e colaborar na “reedição” da história.

Cochran (1990) tem igualmente salientado a importância da perspectiva narrativa para a investigação na psicologia vocacional, destacando a capacidade da narrativa, enquanto padrão coerente e sintético, representar o percurso vocacional. Assim, os significados e as histórias de vida constituem o objecto de investigação.

Mas o que é a *narrativa*? Qual a sua natureza?

Polkinghorne (1986) define narrativa como a “uma estrutura de significado que organiza os acontecimentos e a acção humana numa totalidade, deste modo atribuindo significado às acções e acontecimentos individuais de acordo com o seu efeito na totalidade” (1988, p.18). Para Gergen e Gergen (1986), a narrativa é vista como a capacidade para estruturar acontecimentos de modo a demonstrar, primeiro, a sua conexão ou coerência e, segundo, o sentido de movimento e direcção no tempo” (p.25).

De acordo com Gonçalves (2000), a narrativa apresenta sete naturezas distintas e complementares: *analógica, temporal, contextual, gestáltica, significadora, criativa e cultural*.

A narrativa define-se pela sua natureza *analógica* na medida em que procura a plausibilidade e *verossemelhança* da experiência e não estabelecer a verdade através de prova científica. A natureza analógica refere-se à forma como a narrativa organiza a experiência do indivíduo através de um discurso que lhe está estrutural e processualmente próximo. A narrativa é para o sujeito um modo de construir a experiência com uma linguagem que é analógica da própria experiência. A narrativização da experiência procura a construção de um sentido para a mesma, sentido este que é múltiplo (configura uma variedade de significações) e potencial (porque possibilita novas experiências). A dimensão analógica da narrativa define-a assim, não como um mero relato da experiência mas sim como um organizador de significação que potencia a própria narrativa e a experiência.

Quanto à natureza *temporal*, refere-se à estruturação do conhecimento e da experiência no tempo, atribuindo-lhe uma sequencialidade e coerência. A temporalidade é uma abstracção convencionada através de ciclos regularizados que se repetem. Esta repetição introduz uma dimensão de ritmo na existência. O objectivo de uma narrativa mais adaptada é, através de uma flexibilização temporal, introduzir diferentes ritmos e, assim, diferentes significações na organização da experiência. A natureza *contextual* da narrativa refere-se ao facto de toda a experiência ser construída num determinado contexto e nas acções através desse contexto. Neste sentido, todo o conhecimento é particular e localizado contextual e culturalmente. O conhecimento narrativo é ainda situado historicamente e, enquanto tal, ligado à compreensão idiossincrática. Quanto à natureza *gestáltica* da narrativa tem a ver com a imposição de um sentido de coerência que organiza a diversidade da experiência em totalidades. A *gestalt* da narrativa encontra-se na capacidade para o estabelecimento de conexões entre os vários fragmentos da experiência. Esta função permite uma reconstrução da realidade (que se apresenta caótica) e do discurso, através das regras gramaticais. Esta função de conexão da narrativa permite, para além de um encontro do narrador com o sentido da sua experiência, partilhar a experiência socialmente. A natureza *significadora* da narrativa refere-se à capacidade de dar um sentido à experiência. A mesma experiência possibilita múltiplas narrativas, sendo esta uma forma de construir múltiplos significados. A função *significadora* da narrativa é também exercida socialmente; a construção de significados não é algo que se limita ao indivíduo mas tem uma natureza social. A natureza *cultural* da narrativa assenta no facto de esta constituir um processo discursivo de construção interpessoal e como tal ser inseparável do contexto cultural onde se situa. Por fim, a natureza *criativa* da narrativa diz respeito à capacidade de criar a própria experiência, dando-lhe existência através de uma figuração simbólica socialmente partilhada. O narrador é considerado não um mero reagente da experiência mas um construtor intencional e proactivo. A narrativa recria a experiência através da criação de significações, sentidos e adjectivações múltiplas. É ela que permite uma visão alternativa da realidade.

Com o método narrativo podemos examinar os significados da carreira na vida dos indivíduos ao mesmo tempo que permitimos a reconstrução do investimento vocacional feito pelos indivíduos. O método narrativo é claramente um método que permite questionar e investigar algumas questões fundamentais, como aquela a que nos propomos.

4. QUESTÕES E OBJECTIVOS DE INVESTIGAÇÃO

Este trabalho tem como objectivo compreender de que forma o contexto social actual, caracterizado por transformações claras ao nível das estruturas

profissionais, empresariais e sócio-culturais, influencia o desenvolvimento vocacional dos jovens e pode interferir com a construção da sua identidade vocacional. É um estudo de carácter exploratório e indutivo porque parte do fenómeno (dados) que se procura compreender para a teoria; é idiográfico (De Waele and Harré, 1976; Harré, 1993) porque pretende focalizar-se no particular e individual, compreender significados individuais, recorrendo ao método autobiográfico (histórias de vida). É intensivo porque constitui um estudo detalhado de casos típicos de uma determinada classe, neste caso de jovens do 9.º e 12.º ano de escolaridade. É hermenêutico porque procura recolher e descrever as construções individuais sobre o problema (narrativas do investimento vocacional) e analisar os discursos individuais sobre o problema. Utiliza uma metodologia qualitativa de análise de material biográfico e narrativo (linguagem, discurso, histórias, temas, significados), devendo posteriormente passar por um processo de categorização desse material.

Assim, à luz da perspectiva construtivista, pretendemos construir um modelo compreensivo das narrativas do investimento e da identidade vocacionais, através da sua análise estrutural e processual (significadora). Finalmente gostaríamos que este fosse um pequeno contributo para elaboração de programas de intervenção adequados às necessidades vocacionais dos jovens.

A principal questão a que gostaríamos de dar resposta com esta investigação é: de que modo o contexto de incerteza interfere com a mudança dos indivíduos, quer do ponto de vista psicológico quer do ponto de vista da acção (investimento) ao nível vocacional? De que forma faz emergir determinadas construções vocacionais e concepções de carreira? De que modo os jovens constroem histórias da carreira, que significado lhe atribuem e de que modo investem? Como experienciam os jovens as transições vocacionais? Qual a sua percepção acerca do mercado de trabalho, das saídas profissionais e da preparação que a escola promove para fazer face às exigências do trabalho? Quais as competências de que dispõem para fazer face a tal contexto?

Quais as representações (expectativas, motivações) relativas à formação escolhida as aspirações dos alunos que escolhem um curso tecnológico? E um curso geral? Que tipo de preparação o curso possibilita e qual a aceitação por parte do mercado de trabalho? Como vêem os jovens o seu futuro escolar e profissional? Quais os significados e valores do trabalho para os jovens de hoje? Quais são as áreas de investimento preferidas? Que tipo de dilemas (problemas) são salientes nas suas histórias? Que ideia têm sobre a necessidade de construir um projecto vocacional e de identidade? Existe uma metáfora característica do investimento (ou não investimento)?

Os construtos analisados estão relacionados com as competências vocacionais, nomeadamente ao nível do investimento na carreira e da identidade vocacional: *capacidade de agência do indivíduo; medo do investimento; difusão adaptativa; incerteza positiva; adaptabilidade; flexibilidade identitária e valores do trabalho e tema de vida* são alguns dos construtos que procuramos nas histórias de vida dos sujeitos.

Outros indicadores controlados são o género, o grau de escolaridade, o nível sócio-económico, o grau de escolaridade dos progenitores e o facto dos sujeitos terem passado por um processo de orientação vocacional.

5. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

O estudo consiste na análise de narrativas de jovens, no contexto escolar, sobre os seus investimentos vocacionais e os processos implicados nesses investimentos.

A abordagem biográfica-hermenêutica no estudo da carreira assenta em 4 pressupostos fundamentais: 1) Em vez de considerar um grande leque de variáveis, procura o que é “único” em cada indivíduo em vez do que é “similar”. 2) Foca-se na relação dinâmica entre a pessoa e o contexto, na medida em que o sujeito é considerado um “agente activo” do seu próprio desenvolvimento e como alguém que compreende o seu ambiente e actua sobre ele (contrariamente às concepções behavioristas que vêem o desenvolvimento humano como sendo determinado por factores externos). 3) Constitui um aspecto da teoria sistémica, já que o indivíduo é aqui considerado um sistema aberto em interacção com o meio ambiente. 4) Convida-nos a considerar o percurso que o organismo vive no seu contexto, em vez do contexto isoladamente.

Concluindo, esta perspectiva procura articular a história que a pessoa conta sobre o seu desenvolvimento/investimentos e os planos que formula para futuro.

A amostra é constituída por 20 alunos do 9.º e 12.º ano de escolaridade, sendo distribuída equitativamente em termos de género, nível sócio-económico, grau de escolaridade dos pais e poderão ter ou não participado num processo de orientação vocacional.

É utilizada uma técnica de entrevista semi-estruturada, com a duração de 90 minutos (em média) e de onde constam itens relacionados com os investimentos realizados ao longo da história vocacional dos sujeitos. Após a realização de um pedido de autorização formal à escola para a realização do estudo, a selecção dos participantes foi feita através do contacto pessoal com os alunos da escola, no sentido da selecção da amostra e da sua aceitação de participação voluntária. Após uma breve apresentação do estudo e das condicionantes de participação (e.g., disponibilidade de tempo para a entrevista) foi entregue aos alunos uma ficha de inscrição onde devem referir a sua vontade em participar e disponibilidade horária. As entrevistas são realizadas individualmente e gravadas.

A *análise categorial da forma* da narrativa (Lieblich, Mashlach e Zibler, 1998) efectuada permite extrair as características estilísticas ou de linguagem de unidades definidas da narrativa (ex., metáforas utilizadas pelo narrador). Este tipo de análise incide sobre as funções cognitivas do sujeito, nomeadamente as competências de acção, as estratégias de coping, a adaptação, o processo de tomada de decisão, o estabelecimento de objectivos, as escolhas, a satisfação com a carreira e as emoções em geral.

6. CONCLUSÃO

Como referem Collin e Young (2000), é necessário reconstruir o significado da *carreira*, uma narrativa alternativa que, à medida que se desenrola, dá coerência à vida dos indivíduos em conjunto com um sentido para o futuro. Com esta apresentação referimo-nos às implicações de uma ideologia pós-moderna para a Psicologia Vocacional, no que respeita à concepção do *self* e à nova visão do conhecimento nas ciências sociais em que a mesma se enquadra.

Tivemos oportunidade de justificar a importância de uma abordagem construtivista da carreira, quer para a intervenção vocacional (salientando a emergência de um conjunto de novas técnicas de avaliação ao nível das práticas de orientação), quer para a investigação através da adopção de metodologias qualitativas focadas nas narrativas e histórias de vida individuais. Só através das narrativas dos sujeitos é possível apreender a realidade de novos construtos psicológicos importantes do ponto de vista vocacional.

Neste sentido, o estudo que desenvolvemos pretende ser um contributo para a reformulação do significado da carreira enquanto resultado das práticas de orientação, mas também enquanto objecto de investigação na psicologia vocacional. Através duma abordagem narrativa procurámos explorar quais os significados e construtos psicológicos subjacentes ao *investimento e projecto vocacional* dos jovens de hoje, construtos estes importantes para a construção de uma identidade pessoal e vocacional. A relação dialéctica e ambivalente que o indivíduo estabelece com o mundo vocacional (constituído pela relação com os outros), com o propósito de lhe dar um significado pessoal e social, são aqui abordadas através do estudo do processo de *investimento vocacional*. Pretendemos dar um contributo para um aprofundamento na compreensão da forma como se estabelece esta relação e como é construído o significado da carreira. Finalmente, uma reflexão sobre as práticas de orientação em contexto escolar pretende contribuir para a sua maior adequação, nesta faixa etária da população e tendo como linha orientadora a abordagem construtivista da carreira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Blustein, D. L.; Ellis, M. V. & Devenis, L. E. (1989). The Development and Validation of a Two-Dimensional Model of the Commitment to Career Choice Process. [Monograph]. *Journal of Vocational Behavior*, 35, 342-378.
- Bujold, C. (1990). Biographical-Hermeneutical Approaches to the Study of Career Development. In Richard A. Young and William A. Borgen (Eds), *Methodological Approaches to the Study of Career* (pp. 57-70). New York: Praeger.
- Campos, B. P. & Coimbra, J. L. (1991). Consulta Psicológica e Exploração do Investimento Vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 11-19.
- Cochran, L. (1990). Narrative as a Paradigm for Career Research. In Richard A. Young and William A. Borgen (Eds), *Methodological Approaches to the Study of Career* (pp. 71-86). New York: Praeger.
- Coimbra, J., Campos, B. e Imaginário, L. (1994). *Constructivist Career Intervention: The Ecological-Developmental Model and Methods*. Comunicação apresentada na 23.º Congresso Internacional de Psicologia Aplicada, Madrid.
- Coimbra, J. (1997). O Meu "Grande" Projecto de Vida ou os Meus "Pequenos" Projectos: Linearidade ou Recorrência no Desenvolvimento Vocacional e Suas Implicações Educativas. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 13-14, 21-27.
- Coimbra, J. e Parada, F. (1999). Sentidos e Significados do Trabalho no Contexto de uma Realidade em Transformação: O Desemprego e as Dificuldades de Integração Profissional dos Jovens. *Cadernos de Consulta Psicológica*, Vol.15/16, 47-57.
- Collin, A. & Young, R. (2000). The future of career. In Audrey Collin and Richard A. Young (Eds.), *The future of career*. Cambridge: University Press.
- Gellat, H. B. (1989). Positive Uncertainty: A new decision-making framework for counseling. *Journal of Counseling Psychology*, 9, 240-245.

- Gergen, K. & Gergen, M. (1986). Narrative form and the construction of psychological science. In T. R. Sarbin (ed.), *Narrative psychology: the storied nature of human conduct*. New York: Praeger.
- Gomes, C. (2003). *Novo modelo de intervenção em contexto de transição para a vida activa*. OP On-line.
- Gonçalves, O. (2000). *Viver narrativamente: a psicoterapia como adjectivação da experiência*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Imaginário, L., Parada, F. e Coimbra, J. (2001). Formação ao Longo da Vida e Gestão da Carreira. *Cadernos do Emprego*. Direcção-Geral do Emprego e Formação Profissional: Vol.33
- Kraus, W. (1998). La fin des grands projects: Le développement de l'identité dans le champ du travail comme navigation à vue. *L'orientation scolaire et professionnelle*, 27, 1, 105-121.
- Kush, K. e Cochran, L. (1993). Enhancing a Sense of Agency Through Career Planning, *Journal of Counseling Psychology*, Vol.40, 4, 434-439.
- Lieblich, A.; Mashiach, R. & Zilber, T. (1998). *Narrative Research*. London: SAGE Publications.
- Peavy, R. (1996). Constructivist Career Counseling and Assessment. *Guidance and Counseling*, Vol.11, 8-15.
- Peavy, R. (1997). Postmodern Vocational Development and Counseling: Constructing Possible Futures. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 13-14, 28-37.
- Pittman, G. (2000). Dilemmatic constructions of career in the career counseling interview, *Career Development Quartely*, Vol.48, 226-236.
- Polkinghorne, D. (1986). *Narrative knowing and the human sciences*. Albany, N.Y.: SUNY Press.
- Savickas, M. (1994). Vocational Psychology in the Postmodern Era: Comments on Richardson, *Journal of Counseling Psychology*, Vol.41, 1, 105-108.
- Savickas, M. (1995). Constructivist Counseling for Career Indecision. *The Career Development Quartely*, 43, 363-373.
- Savickas, M. (1997). Career Adaptability: An Integrative Construct for Life-Span, Life-Space Theory, *Career Development Quartely*, Vol.45, 247-259.
- Serling, D. A. & Betz, N.A. (1990). Development and evaluation of a measure of fear of commitment. *Journal of Counseling Psychology*, 37, 91-97.
- Smith, J. Harré, R. e Langenhove, V. (1995). *Idiography and the Case-Study*. In *Rethinking Psychology*, London: Sage.
- Super, D. (1980). A Life-span, life-space approach to career development. *Journal of Vocational Behavior*, 16, 282-298.
- Young, R. (1983). Career Development of Adolescents: An Ecological Perspective. *Journal of Youth and Adolescence*, Vol.12, 5, 401-417.
- Young, R. & Valach, L. (2000). Reconceptualizing career theory and research: an action-theoretical perspective. In Audrey Collin and Richard A. Young (Eds.), *The future of career*. Cambridge: University Press.